

Não me sinto líder e isso é ótimo – Entrevista com a artista visual e cineasta Lia Letícia

Entrevistadora

Joana D'Arc de Sousa lima

Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Pós-doutora em História no Programa de Pós Doutorado do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.
Brasil
joana.darc.lima@unilab.edu.br

DOI: 10.5965/1984724620442019190
<http://dx.doi.org/10.5965/1984724620442019190>

A artista escolhida para esta entrevista é nascida em Viamão/RS em 1975, radicada em Olinda e Recife, onde mora e trabalha. Em Porto Alegre, trabalhou com cenografia para teatro e escola de samba. Mudou-se para Olinda, passando a explorar a pintura em diversos suportes, como murais e tecidos. Ao morar na casa Molusco Lama, participou de exposições coletivas e realizou suas primeiras individuais, atuando ainda em performance e iniciando criação em vídeos e filmes. Além de escrever e dirigir seus próprios filmes, trabalha como diretora de arte. É educadora no projeto de experimentação audiovisual Escola Engenho e também em diversos cursos em festivais, mostras, entre outras atividades. Coordena o Cineção, além de outros projetos independentes na Galeria Maumau|Recife.

Lia é uma das artistas ativistas da cidade do Recife, com um olhar amplo, generoso, plural e potente para o mundo que a cerca. Uma mulher independente, batalhadora, corajosa e mãe de Ziggy, de 17 anos, e Greta, de nove anos, que enfrenta no campo artístico as desigualdades e hierarquias impostas pelo sistema da arte. Por meio de uma poética que atravessa as questões sociais e políticas, seu trabalho vem contribuindo para a construção de novas narrativas contra-hegemônicas.

A memória é seletiva. Não há recordações absolutas, muitos acontecimentos se perdem e as invenções se fazem presente em nossas narrativas. O texto que segue abaixo suporta as ambiguidades da memória, as contradições da história e as idas e as vindas dos tempos que acenam com permanências e deslocamentos.

Esta entrevista foi realizada no mês de outubro de 2019 por meio de perguntas previamente enviadas para a entrevistada, que teve liberdade para respondê-las fora de ordem e no fluxo de suas construções. As respostas foram enviadas por e-mail, e, para melhor apresentação deste texto preservamos as questões propostas e editamos a entrevista conforme o fluxo da memória da artista.

Figura 1 - Lia Letícia de olho no horizonte. Praia de Boa Viagem/Recife



Fonte: Acervo particular de Lia Letícia. Foto de Adalberto Oliveira, s/d.

Entrevistadora: Lia Letícia, inicialmente gostaria que me contasse sobre sua trajetória artística, formação, família.

Lia Letícia: Nasci e vivi num subúrbio da região metropolitana de Porto Alegre/RS, numa cidade chamada Viamão. A princípio, capital do estado, mas depois uma cidade-dormitório, com muitas fazendas e cercada por ocupações de proletários que trabalhavam, na maioria das vezes, em Porto Alegre. Cresci sem teatro, sem cinemas, sem acesso à cultura, com exceção de alguns livros velhos que meu pai tinha orgulho de ter em casa. Meus pais não chegaram a completar o ensino fundamental; fui uma das primeiras da família extensa a entrar numa faculdade; infelizmente meu pai faleceu jovem e não pude continuar. Adolescente, numa das raras idas à capital, encontrei um espaço que dava aulas de teatro de bonecos em troca de fazermos apresentações gratuitas. Foi a primeira vez que tive contato com a arte e, dali, segui no caminho do teatro. Foi a partir de então que me profissionalizei, muito jovem, e comecei a ganhar dinheiro, o que

legitimou a continuidade do que minha mãe achava uma loucura, mas eu conseguia ajudar em casa com algumas contas...

Minha mãe achava meio loucura porque meu pai sempre tentou virar “artista”, o que para o ambiente suburbano era realmente atípico. Ele era letrista, fazia uns bicos em escolas, creches, estabelecimentos comerciais fazendo pinturas, desenhos, placas... e me levava com ele como “assistente”. Acho que comecei com uns oito anos a lidar com tintas, cores, espaços e criação de imagens. Aos 18 anos, já inserida em um grupo teatral e confeccionando bonecos e cenografia, fui convidada a fazer parte da primeira equipe de artistas a trabalhar nos carros alegóricos de uma escola de samba. A Imperadores do Samba era uma grande escola de samba local, e ganhei meus primeiros cachês lá, fomos campeões durante três anos e ganhamos prêmios de melhores alegorias. Foi um espaço fundamental para, num estado (RS) dito “europeu”, eu me sentir à vontade com minha cor e cultura. Éramos os melhores em samba e em arte. No último ano em que trabalhei na Escola, decidi juntar dinheiro pra viajar, e, decidi também viajar pelo Nordeste, já que intuía que São Paulo ou Rio não eram o que estava procurando. Acho que sou uma retirante inversa, e vejo hoje como meu primeiro movimento decolonial vir para Recife.

Chegando aqui (Recife/PE), de ônibus, comecei a trabalhar como garçomete, até que cheguei à Soparia¹ (bar da década de 1990 em Recife) . Depois de uns dois meses trabalhando, Roger (Roger de Renor), o dono do lugar, perguntou se eu topava pintar um mural no espaço e eu, claro, topei. Passei dois anos trabalhando como garçomete e sendo a “artista residente”. Foram meus primeiros trabalhos como artista e fundamentais para insistir em “continuar” artista. Mas não o suficiente para ser inserida no glorioso mundo das artes plásticas. Fui garçomete durante seis anos em diversos outros estabelecimentos, é uma espécie de estágio antropológico, dá pra entender um pouco do Brasil nesses

¹ Soparia, bar que movimentou a cidade do Recife, por pouco mais de sete anos. Inaugurado em dezembro de 1991, o local foi palco de apresentações tanto de bandas promissoras na época — como as do Movimento Manguebeat —, quanto de atrações já consagradas, como o violonista Noite Ilustrada e o grupo Os Paralamas do Sucesso. O bar que havia sido concebido para ser uma opção para tomar sopa na madrugada, acabou se tornando rapidamente o lugar da efervescência cultural da cidade e assim ficou até meados de 1999, quando seu idealizador, Roger de Renor, decidiu parar as atividades. Ver: <https://www.terra.com.br/manguenius/numero-02/num/ctudo-ze-soparia.html>; <https://www.youtube.com/watch?v=uXVa2DVNIP4>. [Nota da entrevistadora]

Não me sinto líder e isso é ótimo – Entrevista com a artista visual e cineasta Lia Letícia
Joana D'Arc de Sousa lima

lugares, porque servindo pessoas, a microfísica do poder coronelista está clara na relação entre subalterno e detentor do poder. O cliente em primeiro lugar...

Entrevistadora: Lia, você se considera uma artista “não acadêmica/formal”, estrito senso. Quais são as ressonâncias “desse lugar que ocupa como artista não acadêmica” na poética – entendida aqui como o conjunto de questões que intencionalmente a artista quer trabalhar, de natureza social, política, cultural e antropológica –, nas suas criações artísticas?

Lia Letícia: Como disse, não consegui, até agora, terminar as faculdades que iniciei, História e Artes Visuais. Não acho isso bom pois, no meu caso, apenas reforça os corpos que estão sempre impelidos a ficar de fora do sistema hegemônico. E acho que todas as pessoas têm o direito de OPTAR ou não por seguir a carreira acadêmica. Mas isso quase nunca é opção para quem nasce com o kit completo para não ocupar esses espaços da classe dominante, branca e patriarcal.

Mas também, destarte uma guerra constante, ignorei o protocolo e continuei insistindo na arte. Hoje, após tanto tempo em coletivos, dando cursos e oficinas e tendo a sorte de entrar em contato com gerações mais novas, conscientes, insubmissas e atuantes, me sinto uma semeadora e compartilhadora. Me vejo como a figura que não tive, e que, talvez, tivesse dado uma acelerada em alguns processos pessoais e profissionais. Não me sinto líder e isso é ótimo, não seguimos a lógica colonizadora ocidental de chefes ou heroínas.

Entrevistadora: Como você vê o papel das instituições culturais, aqui em Recife, ou, de maneira mais ampliada, na construção de narrativas sobre a história da arte, por exemplo? Quais narrativas são construídas?

Lia Letícia: Acho que as instituições falharam aqui, eram esses os lugares em que o antirracismo deveria atuar e quebrar a lógica hegemônica que não partilha saberes e espaços. Porque sim, são duas esferas necessárias: uma sutil, de conceitos e ideias vindas de longa duração, e outra, prática de urgência, física e material. Os indutores (como as cotas) aparecem, para mim, como um óbvio tão irreversível que só lamento terem

Não me sinto líder e isso é ótimo – Entrevista com a artista visual e cineasta Lia Letícia
Joana D'Arc de Sousa lima

chegado tão tarde. As instituições falharam comigo, assim como com muitos, pois é o óbvio que deve ser repetido: não basta não ser racista, é preciso ser antirracista.

Vejo, por exemplo, minha atuação no CineCão como semeadora: na falta de espaços para os trabalhos que desenvolvo, de intersecções e atravessamentos, pouco espaço tive nas instituições; resolvi então ser este espaço. Tendo a [Galeria] Maumau como espaço e incentivo. Mesmo em editais entendi que esse trabalho não se encaixava nem em Artes Visuais nem em Audiovisual, muito arte para uns, pouco cinema para outros. No entanto, foram cerca de 100 artistas, entre inseridos no mercado e iniciantes, que puderam desenvolver trabalhos, na maioria das vezes inéditos, e que dificilmente estariam numa galeria ou num cinema.

Figura 2 - Evento CineCão na Galeria MauMau



Fonte: Acervo particular de Lia Letícia. Foto Lia Letícia, 2017.

Minha ideia sempre foi ser esse lugar de formação, compartilhamento e, de preferência, que pudesse romper a cada edição com o que foi a anterior. Também acho

que essas coisas são zonas autônomas temporárias, acho que teve seu tempo e espaço, porque também não quero ficar nessa narrativa congelante, status quo, e, ter 20 edições sobre o mesmo. Jah me livre! Acho que esses tipos de iniciativas deveriam ser o propulsor de outras e também de abertura de espaços institucionais e no mercado para jovens artistas. Nesse sentido acredito que esse trabalho coletivo, feito como uma comunidade, um cortiço em que todos se ajudam, é uma maneira de viralizar e ocupar de fato espaços.

Entrevistadora: *Recentemente você participou de uma exposição no Museu da Abolição, equipamento público ligado ao IBRAM, intitulada Entremoveres, com aproximadamente 30 artistas, entre mulheres (travestis, trans e cis), pessoas não binárias e artistas não brancas. Você se reconhece como artista não branca? Sempre se reconheceu? O que é ser não branca para você?*

Lia Letícia: Tive oportunidade de ser convidada a vivenciar outra iniciativa, que se não é igual, e não é, me parece também partilhar dessa espécie de rede comunitária artística. Nesse caso um aquilombamento mesmo, que foi a Entremoveres. O trabalho “Ascensão”, presente na exposição Entremoveres, parte da Nacional Trovoa², é um pouco dessa narrativa sobre minha trajetória e formação. Sobre “Catracalizações”, que pobres, mulheres, pretas, suburbanas, precisamos derrubar a pontapé. É, num certo sentido, esse modo escorregadio em que venho construindo minha carreira. Não ter conseguido seguir a cartilha branca, colonizadora branca acadêmica, talvez tenha sido minha maior potência. Experimento efetivamente um fazer e produzir arte que me dá uma autonomia e insubmissão, que acabam aparecendo em forma de dessacralização dessa Arte com letra maiúscula. Talvez me interesse bem mais o que está fora do campo dessa “maiúscula arte”.

² Coletivo Nacional Trovoa: “Não aceitamos migalhas do circuito branco de arte”. Foi com essa frase que o Grupo de artistas e curadoras reuniu-se no Brasil para realizar um levante nacional de artes visuais produzidas apenas por mulheres negras e não brancas. A ideia da Nacional Trovoa teve seu início em março de 2019 com quatro artistas, mulheres racializadas, cada uma delas refletindo sobre a presença de seus corpos no mundo. A proposta de fomentar um “levante artísticos” que colocasse em protagonismo mulheres artistas, curadoras, arte/educadoras entre outras mediações e agentes do campo das artes, foi lançada nacionalmente e o Trovoa convidou mulheres de diversos estados do Brasil para exibir seus trabalhos em exposições “locais”. Mesmo sem qualquer apoio institucional financeiro, a ideia era provocar redes colaborativas para que estas mostras pudessem acontecer e se prolongassem por meio de trocas nas redes sociais através do Facebook e Instagram. Ver mais em <http://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/projeto-trovoa/>.

Não me sinto líder e isso é ótimo – Entrevista com a artista visual e cineasta Lia Letícia
Joana D'Arc de Sousa lima

P.s.: me reconheço como artista negra, a categoria não branca, pelo que sei, é relacionada a orientais, acho eu.

Figura 3 - Trabalho Catracalizações



Fonte: Acervo particular de Lia Letícia. Lia Letícia, 2018. Museu da Abolição, Exposição Entremoveres.
Foto: Diogo Amorim.

Entrevistadora: Vamos falar então sobre seu último filme, *Thynia*. Gostaria que contasse quais foram as ocorrências, acontecimentos e sentimentos que te levaram a pensar na criação do filme.

Lia Letícia: Sim, inclusive acho que ele inicia nessas intermitências acadêmicas. No início, quando eu pensava numa instalação de slides, cheguei a nomear o trabalho de Curso

Não me sinto líder e isso é ótimo – Entrevista com a artista visual e cineasta Lia Letícia
Joana D'Arc de Sousa Lima

Incompleto de História, pois brincava com essa maneira “anos 60”, positivista de dar aula, slides, fatos e datas... Mas na verdade o impacto da minha primeira viagem à Europa, o fato de ter vivido parte da minha vida no sul do país, a “Europa brasileira”, de nunca ter me sentido à vontade com isso, claro, pela minha presença afrodescendente nesses espaços, também trouxe uma camada autobiográfica ao filme. A narradora tem isso, essa virada na leitura de discursos, de quais verdades eles querem encerrar. De forma geral, foi o encontro das leituras que eu estava fazendo na época (Hans Staden e Martius e Spix, cronistas alemães dos séculos XVI e XIX) com o acaso de encontrar os álbuns de fotos numa feira de rua. Estava nessa residência artística, com outro foco de projeto, cheguei até a completar a primeira ideia, que tinha a ver com o evento: nós, artistas brasileiros, iríamos participar com o “Carnaval da Cultura”. Era algo horrível, folclórico, eurocêntrico pra cacete. Então fiz um pequeno filme, O Carnaval foi triste pra mim, como “resultado” da residência. Mas, entre as pesquisas, estava já o Curso Incompleto..., em que juntava algumas fotos dos álbuns, com trechos dos livros. Está no catálogo do projeto, o Nave Tropical.

Figura 4 - Still do filme Thynia



Fonte: Acervo particular de Lia Letícia. Direção Lia Letícia, 2018. Foto: Diogo Amorim.

Não me sinto líder e isso é ótimo – Entrevista com a artista visual e cineasta Lia Letícia
Joana D'Arc de Sousa lima

Também realizei uma performance que fiz nas ruas do bairro em que estava, lá em Berlim, que se chamava Colonizada-Colonizadora; tinha a ver com a situação que vivi na chegada: nove artistas, eu fui a única barrada na alfândega... Aqueles racismos diários, velados, quase elegantes, “pois de europeu” (risos). Tinha algo a ver comigo, nas ruas, procurando o Brasil com um mapa da Alemanha nas mãos. Foi engraçado. Acho que esses trabalhos foram alimentando o fio condutor que viria dar em Thinya. História, artes visuais, discursos, racismos.

Já de volta, já sabendo que seria um filme, agora com o nome da personagem que aparece nos álbuns, escrito nas legendas das fotografias, Inge. Falaria sobre ela e seus compatriotas – não, não falaria, eram seus antepassados que fariam.

Figura 5 - Fragmento do filme Thinya



Fonte: Acervo particular de Lia Letícia. Lia Letícia, 2018.

Nesse momento começa um movimento decolonial no filme, na verdade muito natural: como eu falaria de colonialidade na língua do colonizador, o português? Foi

Não me sinto líder e isso é ótimo – Entrevista com a artista visual e cineasta Lia Letícia
Joana D'Arc de Sousa Lima

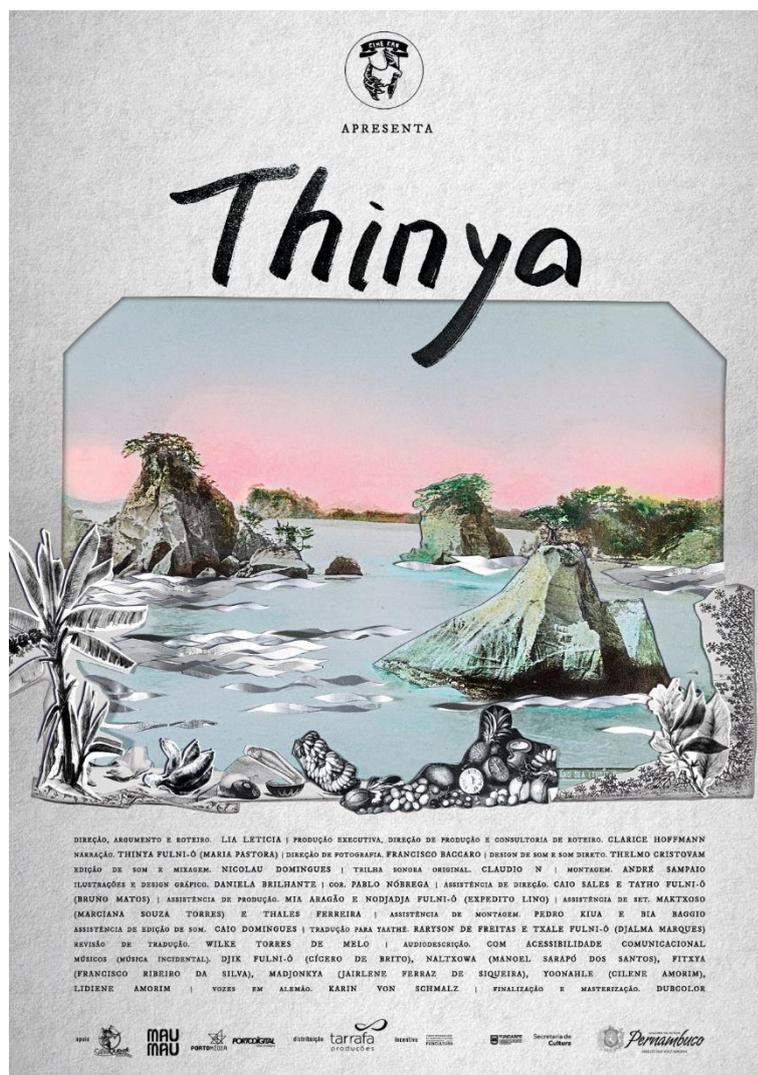
quando houve a primeira virada no projeto e decidi procurar uma língua indígena, encontrando o yathee, do povo Fulni-ô, aqui mesmo onde moro, Pernambuco. Foi com a narradora, Maria Pastora Thinya Fulni-ô que o giro se completou: ela me perguntou por que o filme se chamaria Inge e não Thinya, que era seu nome. Realmente, por que, Lia Letícia? Claro que o filme se chama Thinya. Claro que foi a mulher que deu voz a meu espelhamento perverso (conceito pensado durante a exibição do filme para estudantes indígenas de Antropologia Visual do Pará) que decidi isso.

Figura 6 - Frame do Filme Thinya



Fonte: Acervo particular de Lia Letícia. Direção Lia Letícia, 2018.

Figura 7 - Poster realizado por Daniela Brilhante para o Filme Thinya



Fonte: Acervo particular de Lia Letícia. Direção Lia Letícia, 2018.

Outro conceito caro a essa obra é o de História de longa duração, do historiador Fernand Braudel (Escola dos Annales), pois estamos falando de verdades enraizadas contidas em discursos de cinco séculos atrás. Esses discursos que vêm balançando o berço aristocrata há séculos e que é hoje fundador do discurso fascista do atual governo. Como esses discursos se multiplicam? Qual efeito cruel que as diversas peles que compõem mais da metade da população do país, negra e indígena, sentem há gerações? Não me interessa o discurso da dor, talvez seja isso que as instituições e galerias têm procurado como uma mea culpa. Me interessam as poéticas e imagens produzidas pela ação.

Figura 8 - Residência em Vila do Catimbau/Buique (em desenvolvimento)



Fonte: Acervo particular de Lia Letícia. Foto por Márcio Kapinawa.

Entrevistadora: *Em relação à sua vivência no Projeto “Ocupadas – Ocupe Chris II”³, fale um pouco dessa experiência. Um grupo de artistas só de mulheres... O uso do barro...*

³ Ocupadas, nome que foi dado a exposição ocorrida entre 09 de novembro e 19 de dezembro de 2019, no Ateliê Águas Belas de cerâmica contemporânea, localizado na cidade do Recife/P e coordenado pela artista visual Christina Machado. O projeto que essa exposição situa chama-se Ocupe Chris I ocorrido em 2017 e essa é a segunda versão que veio grávida do desejo de acolher poéticas e experiências estéticas de mulheres artistas, a saber: Ana Flávia, Ana Lisboa, Alice Vinagre, Christina Machado, Irma Brown, Laura Melo e Lia Letícia– amplificando as vivências políticas em torno das questões do lugar social da mulher no campo das artes, dos feminismos, do sensível, do partilhar saberes. Desnecessário citar os acontecimentos brutais contra mulheres ocorridos nos últimos anos que impactaram todas nós e pessoas de bom senso – esses fatos também foram tomados como bandeira de luta em nosso convívio. A argila foi a matéria condutora para o salto no vazio das artistas convidadas. O exercício do desprendimento do que se sabe, do a priori, para o lançar-se no desconhecido se fez imperativo. O barro pede entrega e escuta. Disponibilidade, concentração, silêncio e controle. O diálogo com essa matéria orgânica humaniza e nos sensibiliza. As energias saltam à pele e conduzem os gestos no ato da criação. A razão é desafiada pelo fogo que imprime de surpresas os resultados após a queima. O acaso ganha espessura no processo de criação. A vida se desconcerta, as verdades são curvas e os resultados fogem da obviedade tola e cega. As

Lia Letícia: Na minha passagem pelo curso de Artes Visuais não tenho boas lembranças com o barro, foi uma passagem travada, pouco aberta, em que me culpava por não conseguir fazer um jarro. Hahahahaha. Mas até fiz um “busto” na época, reencontrei a foto há pouco tempo. Tenebroso, tentando ser realista. Acabou que nunca mais tinha tido contato, quando Chris Machado⁴ me fez esse convite, a princípio pensando em algo que pudesse fazer uma intersecção com o audiovisual. Me senti mais segura com essa possibilidade e logo no início da residência até fiz umas experimentações com vídeo.

Parti de uma foto que vi no jornal do crime de Brumadinho, era um escritório coberto de lama, todo respingado e tinha ali a presença das pessoas, sabe? Um casaco pendurado na cadeira, um capacete na mesa... Pessoas estavam ali, tinha essa marca da vivência e do tempo. Enfim, estava muito recente esse acontecimento, se relacionava muito com Thinya, essa história de longa duração do extrativismo, sabe? Que vivemos e estamos aprofundando com esse atual governo canalha entreguista. Então troquei o suporte vídeo e resolvi investigar a interação barro/minerais, e cheguei no alumínio. Achei mais importante ter material, sabe, comecei a achar que o vídeo poderia até romantizar o crime. Enfim, queria algo palpável, fugir do discurso puramente imagético, talvez. Queria poder “tocar” literalmente no tema.

Dáí eu conto com um grande parceiro de trabalho; já há algum tempo faço algumas coisas com ele na área de fundição, o artista e mestre Clélio Freitas. É com ele que venho fazendo esses experimentos extras, com a argila, o alumínio, por exemplo, no ateliê Águas Belas. Chris e eu também experimentamos vários tipos de barro para conseguir fixar esse encontro, que não pode ser “destrutivo” – em outras palavras, o barro não podia se quebrar com o alumínio. Foram essas conexões de permanência, resistência (do material) e interação que o trabalho iniciou.

ocupadas criaram seus mundos singulares, complexos e subjetivos entrelaçados com outros mundos no exercício da convivência, da colaboração e do coletivo. Os trabalhos exibidos nessa exposição são resultados, em processo, desse percurso intenso e potente construído pela convivência entre sete mulheres, com o diálogo com o barro, acolhidas pela artista Chris Machado, durante oito meses. O resultado desses encontros, materializado em peças de barro, instalações e vídeos, está aberto ao público no Ateliê das Águas Belas. Cada artista potencializou suas referências de vida através do barro, que aparece misturado a materiais como resina, vidro e crochê.

⁴ Artista visual e proponente do projeto intitulado *Ocupe Chris*, que em síntese pretendeu reunir sete artistas mulheres numa vivência artística em seu ateliê, Das Águas Belas, tendo a experimentação do barro como fio condutor dos encontros.

Não me sinto líder e isso é ótimo – Entrevista com a artista visual e cineasta Lia Letícia
Joana D'Arc de Sousa lima

Depois da primeira peça experimental ficar pronta, quis deixar mais claras essas questões do extrativismo, do roubo de terras desde os bandeirantes, do genocídio dos povos originários e tradicionais desses locais e escolhi uma frase para fazer em barro e alumínio. Gosto dessa coisa da palavra, das letras, da escrita e do discurso que surge a partir disso. Talvez queira construir novos discursos sobre antigas verdades. Talvez isso seja necessário – construir, construir, construir.

Entrevistadora: Qual a frase?

Lia Letícia: Essa terra tem dono.

Figura 9 - Trabalho em processo *Essa terra tem dono*



Foto: Projeto Ocupe Chris, Lia Letícia, 2019.

Figura 10 - Exposição Ocupadas: Esta Terra tem Dono, instalação, trabalho resultado da vivência.



Foto: Sofia Lucchesi. Projeto Ocupe Chris, Lia Letícia, 2019.

Figura 11 - Exposição Ocupadas: Esta Terra tem Dono, instalação, trabalho resultado da vivência.



Foto: Sofia Lucchesi. Projeto Ocupe Chris, Lia Letícia, 2019.

Figura 12 - Exposição Ocupadas: Esta Terra tem Dono, instalação, (detalhe) trabalho resultado da vivência.

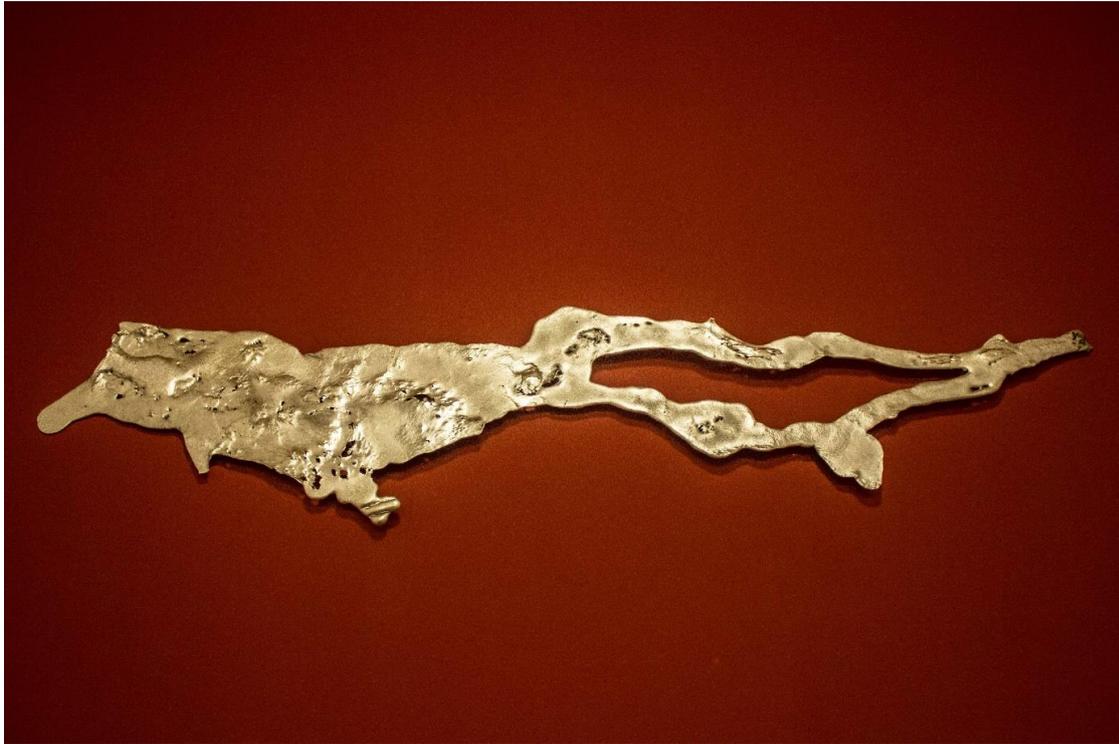


Foto: Sofia Lucchesi. Projeto Ocupe Chris, Lia Letícia, 2019.

Entrevistadora: – Há alguns dias vi um post no facebook do artista Moisés Patrício, que adoro, e vou reproduzir aqui para você: O que os artistas devem fazer pela sociedade?

Lia Letícia: Acho que entender que não estão à parte dela. Pelo menos para mim isso é um mantra: você não é um ser iluminado pelas dádivas da musa da criação. Você é uma pessoa qualquer. Você não é mais especial que os outros. Você faz parte da sociedade. Ad infinitum.

Recebida em: 30/10/2019
Aprovada em: 18/12/2019

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista PerCursos
Volume 20 - Número 44 - Ano 2019
revistapercurso@gmail.com